



## Reflexões sobre o ensino do ofício do jornalista em uma experiência de estágio docência

Maurício Frighetto<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** O objetivo do artigo é fazer uma reflexão sobre uma experiência de estágio docência realizado na disciplina de Redação IV do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como parte do curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR) da mesma instituição. Parte-se da ideia do educador Paulo Freire (1996) de que a reflexão crítica sobre a prática é o momento fundamental na formação de professores. A partir do relato da experiência, compara-se o ensino do ofício do jornalista com o ensino do ofício do sociólogo com base no texto “Introdução a uma sociologia reflexiva”, de Pierre Bourdieu (2000).

**Palavras-chave:** ensino; jornalismo; sociologia; ofício; *habitus*.

### 1. Introdução

A prática docente crítica, na visão do educador Paulo Freire (1996, p. 38), envolve um movimento dinâmico e dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Isso é necessário, segundo o autor, para evitar uma prática docente espontânea, desarmada, que reproduz um saber ingênuo, um saber de experiência feito, sem rigorosidade epistemológica do sujeito.

---

<sup>1</sup> Formado em jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Faz mestrado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo na UFSC. Tem sete anos de experiência profissional.

**Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é a reflexão crítica sobre a prática.** É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de análise deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior a comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. (FREIRE, 1996, p. 39 – grifo meu).

Podemos pensar que estas ideias de Paulo Freire são importantes para a formação de professores em qualquer área do conhecimento, incluindo, portanto, os docentes responsáveis pelo ensino do jornalismo. É a partir dessa premissa que desenvolvo este artigo. O objetivo é fazer uma reflexão crítica sobre a minha prática de professor durante o estágio docência realizado na disciplina de Redação IV do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), realizado no segundo semestre de 2015, supervisionado pelo professor Mauro César Silveira<sup>2</sup>, como parte do curso de mestrado<sup>3</sup> do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR) da mesma instituição.

Além das ideias de Paulo Freire, a reflexão será feita com base na comparação entre o ensino do ofício do jornalista e o ensino do ofício do sociólogo a partir da ideia de ensino de um ofício desenvolvida por Pierre Bourdieu (2000) no texto “Introdução a uma Sociologia Reflexiva”.

Primeiro, apresento a ideia do “ensinar um ofício”, usada por Bourdieu para explicitar suas intenções pedagógicas em um seminário destinado a formar pesquisadores em sociologia. Em seguida, faço o relato da experiência de estágio docência na discipli-

---

<sup>2</sup> Mauro César Silveira é formado em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1981. É mestre (1996) e doutor (2001) em História pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/RS). É professor do Curso de Jornalismo da UFSC desde 2007, onde também atua na pós-graduação. Coordena o Grupo de Estudos de História do Jornalismo na América Latina. Foi professor na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) entre 1990 e 2007. Tem experiência jornalística em veículos como *Zero Hora*, *Isto É*, *Veja* e *Coojornal*. É autor dos livros "O jornalismo português como aliado do Brasil na Guerra do Paraguai", "Um pecado original: os primórdios do jornalismo na Bacia do Rio da Prata" e "A batalha de papel: a charge como arma na guerra contra o Paraguai"

<sup>3</sup> Pesquisa, no Mestrado, a história dos projetos pedagógicos do Curso de Jornalismo da UFSC.

na de Redação IV no Curso de Jornalismo da UFSC<sup>4</sup>, comparando com o texto de Bourdieu. Por último, apontarei as principais semelhanças e diferenças entre o ensino do ofício do jornalista e do sociólogo.

## 2. Ensino de um ofício

"Ensinar um ofício" é uma das ideias discutidas no texto "Introdução a uma sociologia reflexiva" (BOURDIEU, 2000), onde Bourdieu explicita suas "intenções pedagógicas" em um Seminário da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales cujo objetivo era formar pesquisadores em sociologia. O sociólogo francês explica que os estudantes irão apresentar os projetos de pesquisa, mostrando as dificuldades e os problemas encontrados. E, a partir dos conselhos pormenorizados feitos pelo professor aos casos particulares, cada aluno poderia pensar sua própria pesquisa.

Para mostrar como é a prática da pesquisa, Bourdieu diz que o seminário se pareceria mais com um "laboratório" ou, mais modestamente, com uma "oficina". Dessa forma, os estudantes teriam a oportunidade de conhecer como "se processa realmente o trabalho de pesquisa". Como um velho oficial das Corporações de Ofício da Idade Média, aponta, "tentaria contribuir com a experiência" que retirou dos acertos e erros do passado.

É assim, sem dúvida, porque não há outra maneira de **adquirir os princípios fundamentais de uma prática** — e a prática científica não é uma exceção — que não seja a de **praticar ao lado de uma espécie de guia ou de um treinador**, que protege e incute confiança, que dá o exemplo e que corrige ao enunciar, em situação, os preceitos directamente aplicados ao caso particular (BOURDIEU, 2000, p. 21 – grifo meu).

O sociólogo argumenta que se trata de ensinar um *modus operandi*, "um modo de produção científico que supõe um modo de percepção, um conjunto de princípios de visão e de divisão". Ou seja, trata-se de ensinar um *habitus* científico, que seria adquiri-

---

<sup>4</sup> Além do relato do estágio docência, utilizo a grade curricular de 2015 (UFSC, 2015a) do Curso de Jornalismo da UFSC, o projeto Pedagógico de 2015 (UFSC, 2015b) e uma entrevista com o professor Carlos Augusto Locatelli, um dos professores de redação do curso para contextualizar a disciplina de Redação IV.

do pelos estudantes no momento em que a prática é operada. (BOURDIEU, 2000, p. 21).

O ensino de um ofício ou, para dizer como Durkheim, de uma “arte”, entendido como **"prática pura sem teoria", exige uma pedagogia que não é de forma alguma a que convém ao ensino dos *saberes***. Como se vê bem nas sociedades sem escrita e sem escola – mas também é verdadeiro quanto ao que se ensina nas sociedades com escola e nas próprias escolas – **numerosos modos de pensamento e ação – e muitas vezes os mais vitais – transmitem-se da prática à prática**, por modos de transmissão totais e práticos, firmados no contacto directo e duradouro entre aquele que ensina e aquele que aprende (“faz como eu”). Os historiadores e os filósofos das ciências – e os próprios cientistas, sobretudo – têm frequentemente observado que uma parte importante da profissão de cientista se obtém por modos de aquisição inteiramente práticos [...]. (BOURDIEU, 2000, p. 22 – grifo meu).

Bourdieu retoma a metáfora do esporte, comum em sua obra, para mostrar que, para transmitir o *habitus* científico, o sociólogo se parece mais como um treinador desportivo de alto nível do que com um professor de Sorbone.

Ele procede por indicações práticas, assemelhando-se nisso ao treinador que imita um movimento (“no seu lugar, eu faria assim...”) ou por “correções” feitas à prática em curso e concebidas no próprio espírito da prática (“eu não levantaria esta questão, pelo menos dessa forma). (BOURDIEU, 2000, p. 23) .

Estas ideias mostram como Bourdieu ensinou sociologia no seminário, ou seja, a forma como ensinou. No decorrer do texto, o sociólogo aborda diversas questões sobre a pesquisa, como a importância do pensamento relacional, a necessidade de construir os objetos científicos, a dificuldade em fazer a ruptura epistemológica, o processo de objetivação participante. Embora o objetivo do artigo não seja o aprofundamento destas questões, ao longo do texto trarei algumas destas análises para poder pensar semelhanças e diferenças entre o ensino do ofício do sociólogo e do jornalista.

### **3. Relato da experiência no estágio docência**

Redação IV faz parte de um conjunto de sete disciplinas de redação da grade curricular<sup>5</sup> do Curso de Jornalismo da UFSC, que começou a se estruturar a partir de uma reforma curricular realizada em 1985. Naquela época, estava em vigor o Currículo Mínimo de 1984, que obrigava os cursos de Comunicação Social e suas habilitações a oferecer disciplinas de Redação e Expressão Oral em sete semestres do curso – ficando fora, portanto, apenas o oitavo semestre, destinado aos Projetos Experimentais. As três primeiras matérias deveriam estar relacionadas à língua nacional e, as outras quatro, voltadas às habilitações, como a do jornalismo. (ANTONIOLI, 2002, p. 276).

Mas, desde aquela reforma, esse conjunto de disciplinas passou a ter um foco cada vez mais jornalístico no curso da UFSC – tanto que, desde anos 2000 (UFSC, 2015b), passou a ser ministrado apenas por professores do departamento. Essa ênfase no jornalismo pode ser observada nas ementas:

Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa – Técnica de captação de informações. Estrutura da Reportagem, da entrevista e da pesquisa. Os fatos noticiáveis. Estudo da estrutura e funcionamento. Definição de um objeto de pesquisa. Delimitação da abordagem, planejamento das etapas e viabilidade. Produção de texto. Investigação teórica e empírica.

Redação II – As características da linguagem no jornalismo impresso. A linguagem da notícia. Seleção e ordenação de informações. O Lead. Escolhas sintáticas e léxicas. Produção do texto noticioso.

Redação III – O trabalho do repórter: pauta, fontes, coletas de informações, estilos de entrevistas. O 'trabalho de rua' em diversos setores.

Redação IV – Trabalho do redator: o texto no jornalismo diário. Condensação e reestruturação de matérias. O texto jornalístico diário em diversos projetos editoriais.

Redação V – O texto nas revistas e suplementos. Análise de gêneros e estilos de textos. Técnicas literárias aplicadas ao jornalismo. A reportagem em revistas e suplementos. Crônica e Perfil.

Redação VI – Teoria da Narrativa. Grande reportagem em texto.

Redação VII – Gêneros subjetivos no Jornalismo. O romance-reportagem. O conto jornalístico. (UFSC, 2015a)

---

<sup>5</sup> A partir de 2016, após a aprovação do novo Projeto Pedagógico, em 2015, elaborado a partir das Diretrizes Curriculares do Jornalismo, de 2013, ocorreu uma mudança na grade curricular. Ao longo do texto mostrarei algumas alterações realizadas.

Neste conjunto de disciplinas, o estudante aprende a escrever notícia desde as primeiras fases baseado na técnica da Pirâmide Invertida, usando *lead* e *sublead*. Ao longo dos anos, porém, passa a elaborar conteúdos cada vez mais complexos – como textos de revista e de publicações especializadas – até chegar a gêneros mais subjetivos, como grande reportagem ou romance-reportagem.

O professor Carlos Locatelli<sup>6</sup>, um dos docentes desse conjunto de disciplinas, pensa que, mais importante do que aprender a escrever, o eixo de redação é voltado para aprender a apurar, a fazer reportagem no sentido de um método jornalístico. Na visão dele, em tese, por necessitar de poucos recursos e equipamentos, o estudante pode se dedicar mais tempo à reportagem.

Eu sempre disse: me interessa mais que vocês saibam do que vocês escrevam. Porque escrever todo mundo vai aprender, é só questão de praticar. Mas eu quero que vocês me contem a matéria. Vocês precisam ser capazes de dizer para um amigo de vocês: vou te contar uma história que está acontecendo no Badesc [Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina S.A]. É isso que interessa. E isso gera uma prática pedagógica muito pesada. Porque os exercícios, embora sejam semelhantes, cada um deles tem um conteúdo, um problema, muitas fontes. É muito desgastante para o professor. **No meu entendimento esse tronco não está aí para ensinar as pessoas a escrever, mas para perceberem o que elas precisam conhecer, apurar. Uma frase para mim é muito clara: jamais você escreverá o que não conhecer.** Ora, eu defendo arduamente um tronco de reportagem. No meu entendimento a única coisa que nos restará no futuro como profissão é isso. [...] No meu entendimento, o epicentro do fenômeno jornalístico é a apuração. (LOCATELLI, em entrevista ao pesquisador, 2016 – grifo meu).

A mudança curricular realizada a partir do novo Projeto Pedagógico, que começou a valer desde o primeiro semestre de 2016, de certa forma confirma essa análise. Esse conjunto de disciplinas passou a fazer parte do “eixo de formação profissional”, cujo objetivo é privilegiar o “jornalismo como método e processo de produção de informação e conhecimento, independente das situações particulares em que é exercido”. (UFSC, 2015b). O número de disciplinas diminuiu de sete para cinco e o nome das ma-

---

<sup>6</sup> Carlos Augusto Locatelli é formado em Jornalismo na UFSC (1990), mestre em Economia pela UFSC (2001) e doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS (2011). É professor do Curso de Jornalismo da UFSC desde 1993, atuando principalmente na área de redação. É professor do POSJOR. Coordena o Núcleo de Projetos Editoriais (NPE). Trabalhou em veículos como jornal *O Estado*, *Gazeta Mercantil* e *Revista Expressão*.

térias mudou para Apuração, Redação e Edição. Em cada uma delas será discutido um gênero: Notícia, Reportagem, Investigação, Grande Reportagem e Jornalismo e Literatura.

Redação IV, disciplina em que fiz estágio docência no segundo semestre de 2015, tinha foco no trabalho do redator. Podemos pensar que essa função, nos dias atuais, é realizada por todos os jornalistas, desde o repórter até o editor. Na primeira aula, ao apresentar o plano de ensino, o professor Mauro Silveira informou que a sala de aula iria “virar uma redação”. Aqui podemos fazer um paralelo com o texto de Bourdieu. Enquanto a sala de aula do sociólogo funcionou como um “laboratório” ou uma “oficina”, a disciplina do Curso de Jornalismo se transformou em uma redação, no sentido do lugar onde os jornalistas trabalham. (LAGE, 1998, p. 74).

Foram três aulas expositivas, com os seguintes temas: “A importância vital do texto no Jornalismo”; “A estrutura do texto informativo e a hierarquização das informações”; e “O fato com potencial jornalístico: a pauta”. Essas aulas foram intercaladas com a produção de três reportagens realizadas por cada estudante durante o semestre: a primeira foi de livre escolha sobre um tema geral; a segunda, sobre a cobertura de um evento – os próprios estudantes sugeriram acompanhar a 37ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), que ocorreu na UFSC; a terceira, sobre tecnologia, tema também definido em conjunto.

Cada produção seguia uma mesma lógica. Primeiro, os alunos apresentavam as pautas, que então eram discutidas com o grupo e com o professor, semelhante a uma reunião de pautas. Durante a apuração, os estudantes poderiam tirar dúvidas, pedir sugestões e, em alguns casos, modificar a pauta. Em seguida, escreviam os textos, que eram corrigidos pelo professor. Então, as matérias, com os ajustes necessários, eram publicadas no Blog do Quatro<sup>7</sup>. Por último, os estudantes ainda tinham uma conversa de avaliação com o professor. Como professor-estagiário, participei de todas estas etapas em diversas ocasiões.

Durante as discussões sobre pauta fiz algumas intervenções, sobretudo baseado em minha trajetória como repórter. Ao falar sobre a linguagem escrita da pauta, por exemplo, disse ser comum usarmos a terceira pessoa do plural quando sugerimos uma

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://blogdoquatro.wordpress.com/>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

ideia: “podemos checar se ...”, “vamos conferir ainda...”. Observei, também, que, muitas vezes, é necessário mudar o foco durante a reportagem ou mesmo derrubar uma ideia. Apontei ainda que fazer nossas próprias pautas está relacionado com a autonomia que temos – ou que não temos – em uma redação. Contei que ao mudar de um jornal de circulação no estado de Santa Catarina, o *Diário Catarinense*, para um jornal de circulação na Grande Florianópolis, o *Notícias do Dia*, tive mais possibilidades de emplacar minhas próprias reportagens.

Uma experiência interessante foi com uma estudante que pretendia fazer uma reportagem sobre vegetarianismo. A pauta dela apresentava um problema que notei ser comum aos demais alunos: os temas eram muito amplos. Refleti sobre as ideias de Adelmo Genro Filho, que buscou desenvolver uma teoria marxista para o jornalismo. Segundo o teórico, o jornalismo é uma forma de conhecimento, assim como a arte e a ciência. No entanto, estas formas de conhecimento se diferenciam<sup>8</sup> do ponto de vista epistemológico.

Somente o aparecimento histórico do jornalismo implica uma modalidade de conhecimento social que, a partir de um movimento lógico oposto ao movimento que anima a ciência, **constrói-se deliberada e consciente na direção do singular**. Como ponto de cristalização que recolhe os movimentos, para si convergentes, da particularidade e da universalidade". (GENRO FILHO, 2012, p. 168) – grifo meu.

Era como se os estudantes não fizessem esse “movimento lógico” na direção do conhecimento singular, considerado pelo teórico como “o ponto de chegada” (GENRO FILHO, 2012, p. 168), mas procuravam o particular, característica da arte, e o universal, característica da ciência. Nossa sugestão foi de que a estudante encontrasse um foco e que todas as informações que tinha obtido (como, por exemplo, o alerta da Organização das Nações Unidas de que o consumo excessivo de carne afetava o meio-ambiente; os problemas causados à saúde; o sofrimento dos animais) seria o contexto da matéria.

---

<sup>8</sup> Adelmo Genro Filho, explica, neste trecho, as três categorias epistemológicas. “No *universal*, estão contidos e dissolvidos fenômenos singulares e os grupos de fenômenos particulares que o constituem. No *singular*, através da identidade real, estão presentes o particular e o universal dos quais ele é parte integrante e ativamente relacionada. O *particular* é um ponto intermediário entre os extremos, sendo também uma realidade dinâmica e efetiva”. (GENRO FILHO, 2012, p. 170).



"Reportagem é foco", lembrou o professor Mauro Silveira. Ela acabou produzindo a matéria sobre como é ser vegetariano em Florianópolis.

Durante a produção das reportagens, penso que a principal dificuldade dos alunos foi em relação às fontes. Ora elas apenas prometiam conceder entrevistas, ora sequer respondiam. As minhas sugestões foram desde insistir com os entrevistados, passando por procurar outras pessoas até usar alternativas, como resultados de pesquisas e documentos. Quase sempre insistia para os estudantes qualificarem as suas fontes.

Outra experiência foi com um estudante que estava escrevendo sobre educação popular, tema de um grupo de trabalho na reunião da Anped. Ele queria, no entanto, ir além do evento e conhecer a realidade da periferia da cidade. Sugeri os projetos do Instituto Vilson Groh, que reúne uma série de iniciativas de educação nas áreas pobres de Florianópolis.

Faltando uma semana para o prazo de fechamento, o estudante encontrava dificuldades. A assessoria de imprensa do instituto havia prometido uma entrevista com Vilson Groh, mas o aluno não conseguia mais conversar com os assessores. Então sugeri que procurasse um dos projetos específicos e relatasse a história. Lembrei do Projeto Fênix, que promove aulas de skate para jovens do bairro Monte Cristo, um dos mais pobres de Florianópolis. Disse que, assim, a reportagem contemplaria a visão da academia e de uma experiência concreta.

O estudante aceitou a sugestão e conseguiu uma entrevista com o coordenador do projeto. Também conversou com garotos e garotas da periferia, que viam no skate uma forma de motivação. Este trecho pode refletir um pouco da experiência do estudante<sup>9</sup>:

Claudio [professor do projeto] também trabalha a reflexão nas suas aulas de skate, em especial a respeito de questões urbanas de espaço e direito à cidade. "O skate tem a ver com cultura urbana. Nossa sala de aula é a rua e, quando acontece alguma coisa, a gente tenta refletir sobre isso. Uma vez a gente tava lá, e fomos parados pela polícia. Eles ameaçaram a gente, disseram que iam pegar os skates e levar na delegacia. Depois levamos isso pra roda: Por que isso aconteceu? Será que a gente não pode andar de skate na rua? Por quê não?"

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://blogdoquatro.wordpress.com/2015/11/13/eu-to-aqui-pra-nao-ta-em-casa-e-da-ruim/>. Acesso em 25 jul. 2016.

A revisão dos textos foi um dos momentos mais difíceis. Vi que algumas das dicas que o professor Mauro Silveira e eu dávamos durante as aulas não eram seguidas. E, com o texto pronto, haveria menos possibilidades de mudanças significativas. Isso, primeiro, me causou um pouco de aflição, mas logo compreendi fazer parte do processo de aprendizagem.

Minhas correções foram desde aspectos formais, como o tamanho dos parágrafos. Não dizia que teria um tamanho correto, mas que seria interessante seguir um padrão. Ou pelo menos ter consciência da escolha. Questões éticas também fizeram parte das minhas sugestões. Em uma reportagem específica, sugeri que, se alguém está sendo acusado deve ser ouvido e sua versão deveria ser colocada logo no início do texto ou em destaque. Outra constante foi os alunos terem feito aberturas focadas no contexto – insistia na prioridade aos aspectos singulares.

O processo de avaliação foi um dos mais interessantes, embora durante todo o processo ocorressem discussões. Pensando na minha experiência como professor-estagiário, vi que adquiri uma estratégia: além de mostrar aspectos positivos, fazia críticas, apontava problemas e dizia para os estudantes pensarem e refletirem para melhorar a próxima prática. Usava o argumento de Paulo Freire: pensar criticamente a prática de hoje para melhorar a próxima prática. (FREIRE, 1996, p. 22 ).

É possível dizer que o foco da disciplina de Redação IV tenha sido o ensino/aprendizagem de três fases do ofício do jornalista: pauta/apuração/narração. De forma geral, estas fases do trabalho do jornalista são contempladas nas sete disciplinas de redação. O que muda, basicamente, é o gênero do texto: como é este processo em jornal diário, revista ou grande reportagem? Lógica semelhante ocorre em disciplinas de outras áreas do Curso de Jornalismo da UFSC, como rádio, televisão e, mais recentemente, internet. Como este processo de pauta/apuração/narração ocorre no rádio, na televisão ou internet? Quais as especificidades de cada veículo?

Na comunidade jornalística, conforme Ericson, Baranek e Chan (apud TRAUQUINA, 2001, p. 118), os neófitos são integrados por meio de um processo de osmose, adquirindo conhecimento baseado nas suas experiências e nas trocas diárias com colegas, fontes e superiores. Este “vocabulário de precedentes” comporta três saberes fundamentais: saber de reconhecimento, saber de procedimento e saber de narração.

O saber de reconhecimento seria a capacidade de reconhecer quais os fatos, os acontecimentos, as histórias possuem valor-notícia. Depois disso, o jornalista precisa mobilizar seu saber de procedimento, ou de apuração, para recolher dados para elaborar as notícias e reportagens. Por fim, o saber de narração é a capacidade de elaborar um texto para diferentes mídias, em uma linguagem jornalística – ou o jornalês. (TRAQUINA, 2001, p. 118-119).

Segundo Traquina (2005, p. 206), esses saberes fazem parte da cultura profissional desenvolvida em um processo histórico e contínuo. É como se os jornalistas usassem óculos semelhante, uma metáfora usada por Bourdieu para mostrar que os agentes de um campo compartilham uma mesma forma de perceber e agir sobre o mundo, isto é, um *habitus*, no caso, o jornalístico. É possível pensar que este *habitus*, adquirido, historicamente, no mundo do trabalho, também passou a ser ensinado/aprendido nas universidades desde que o jornalismo se tornou um curso superior. É um aprendizado na prática: aprender fazendo.

#### **4. Considerações finais**

É possível perceber, por este relato da experiência em estágio docência e pela comparação com o texto “Introdução a uma sociologia reflexiva”, de Pierre Bourdieu, que há semelhanças e diferenças entre o ensino do jornalismo e do sociologia. Em relação às semelhanças, podemos pensar que o jornalismo e a sociologia são ofícios, no sentido de uma prática, cujo ensino deve ser feito ao lado de uma espécie de treinador, de um guia, que protege, incute confiança, imita um movimento, usa os erros e acertos de sua experiência. Algumas dicas que ouvi e sugeri durante o estágio docência mais pareciam ser dadas por esta espécie de treinador: "É importante colocar a versão do acusado no início do texto"; "reportagem é foco"; "se não conseguir um entrevistado, tente fontes alternativas"; "no seu lugar começaria o texto da seguinte forma". Portanto, a experiência do professor é fundamental.

O aprendizado na prática – aprender fazendo – é outra semelhança. Como aponta Bourdieu com base em Durkheim, numerosos modos de pensamento e ação, e muitas vezes os mais vitais, transmitem-se da prática à prática, mesmo nas escolas. Podemos

pensar que isso ocorre em Redação IV e em diversas disciplinas nas escolas de jornalismo em geral. Este modo de ensinar/aprender faz parte da história do jornalismo, como define o escritor e jornalista Gabriel Garcia Marques. “O ofício era aprendido nas salas de redação, nas oficinas de impressão, no café em frente, nas farras das sextas-feiras”. (GARCÍA MARQUES, 2011, p. 88). E completa: “Um lema dizia tudo: o jornalismo se faz aprendendo”. (GARCÍA MARQUES, 2011, p. 90).

Bourdieu diz que ensinar a fazer pesquisa é ensinar um *modus operandi*, um modo de percepção e ação, um *habitus*. Podemos pensar que a lógica é a mesma para o ensino do jornalismo. Mas, em vez de um *habitus* científico, ensina-se um *habitus* jornalístico, marcado, sobretudo, pelo saberes de reconhecimento, procedimento e narração. Portanto, se do ponto de vista da forma, de como se ensina/aprende, há semelhanças, do ponto de vista epistemológico as duas formas de conhecimento se diferem. Basta observar o que Bourdieu chama de o "cume da arte" para a sociologia: a capacidade de pôr em jogo “coisas teóricas” muito importantes em objetos empíricos (BOURDIEU, 2000, p. 20). Essa premissa não é um fundamento do jornalismo. E como teorizou Adelmo Genro Filho (2012) utilizando as categorias de singular, particular e universal, enquanto o conhecimento das ciências constrói-se na direção do universal, o conhecimento do jornalismo constrói-se na direção do singular.

Do ponto de vista da minha atuação como professor-estagiário, talvez o maior limite da minha prática de ensino tenha sido a falta de experiência. E, ao tentar fazer uma reflexão crítica sobre este ponto, penso que esta função de professor de jornalismo necessita de três tipos de experiências: a do ofício do jornalista – para ter conhecimento da prática; a do ofício do pesquisador em jornalismo – para entender o jornalismo e suas relações com a sociedade; e do ofício do professor – para poder ensinar/aprender junto com os estudantes.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma Sociologia Reflexiva. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p.17-58.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do Jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V.6. Florianópolis: Insular, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA MARQUES, Gabriel. **Eu não vim aqui fazer um discurso**. Rio de Janeiro: 2011.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 6ª edição. Ática: Rio de Janeiro.

LOCATELLI, Carlos Augusto [27 jan. 2016]. Entrevistador: Maurício Frighetto, 2016, 1 arquivo em mp3 (85min).

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. Editora Unisinos: Porto Alegre.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: volume.1.porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Departamento de Jornalismo. Curso de Jornalismo. **Currículo do Curso de Jornalismo**. 21 jun. 2015a.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Curso de Jornalismo. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo da UFSC**. 07 ago. 2015b. Disponível em: <<http://jornalismo.ufsc.br/files/2011/05/Projeto-Pedago%CC%81gico-JOR-UFSC-by-NDE.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2016.